

***Do saber suposto ao saber exposto: a experiência analítica e a investigação em psicanálise***

***Tania Coelho dos Santos<sup>1</sup>***

**Publicado em A PSICANÁLISE E A PESQUISA EM UNIVERSIDADE, Beividas, W. (org.), Ed.Contracapa R.J., 200285-86011-56-6, pags.10-27,ISBN**

***I- Ensinar na graduação e formar um pesquisador na pós-graduação***

Há uma forte tendência no campo psicanalítico a dissociar a experiência de análise e a produção de pesquisa em psicanálise. Muitos psicanalistas acreditam, algumas vezes ingênuamente, outras vezes com propósitos políticos mais ou menos confessados, que a excessiva consistência do saber exposto, o discurso da ciência, alimenta as resistências à inconsistência do saber suposto, próprio ao discurso analítico. Acrescentemos a essa tendência à dicotomizar as posições do sujeito na relações com o saber<sup>2</sup>, a oposição entre o ensino e a transmissão da psicanálise. Quero me referir ao contraste de retóricas entre a política universalizante das instituições universitárias e a política particularizante das instituições psicanalíticas. Se consideramos adequadamente esses eixos de uma tensão, teremos reunido os elementos essenciais de uma polêmica que já dura bastante tempo.

Esse quadro opositivo é antigo. Acredito, entretanto, que ele se estabeleceu num tempo em que o ensino da psicanálise na universidade só se dava no nível da graduação em Psicologia. A inserção da psicanálise no campo da psicologia, contribui para diluir a teoria e a prática da psicanálise no terreno difuso das teorias da consciência e das psicoterapias de reforçamento do eu.

Argumento que o desenvolvimento da pesquisa em psicanálise, em nível de mestrado e doutorado, complicou um pouco essa dicotomização, outrora muito mais fácil. Enquanto que no ensino de graduação, artificialmente, alguns redatores de manuais de Teorias e Sistemas em Psicologia, incluíram a psicanálise entre as essas teorias e sistemas ocultando as diferenças, na pós-graduação enfatizamos a diferença entre a psicanálise, a psicologia, a filosofia e as ciências humanas sociais em geral. A formação de pesquisadores em psicanálise requer a transmissão de recursos muito finos para produzir ainda outras tantas distinções. Entre elas aquelas que são necessárias para operar com diferentes tradições conceituais, para articular a teoria com a prática, e controlar a contrastabilidade de argumentos em favor ou contra essa ou aquela tese. O ponto

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Doutora em psicologia Clínica pela PUC/RJ, Prof. do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, autora do livro: Quem precisa de análise hoje?

<sup>2</sup> . Essa distinção tradicional entre ensino e transmissão deve ser relativizada tendo em vista a particularidade do objeto de investigação em psicanálise. Como não se pode dissociar o percurso analítico de alguém de seus interesses de pesquisa, o ensino da psicanálise sob a orientação lacaniana, como bem o definiu Eric Laurent, precisa situar-se segundo dois registros distintos: “De um lado o da transmissão das disciplinas necessárias ao saber do psicanalista. De outro lado, a transmissão da maneira eegundo a qual devemos ler o inconsciente, não como uma coisa morta, mas como um coisa viva que tem necessidade da abordagem de cada um de seus práticos para encontrar seu justo lugar neste mundo.” (Laurent, E. 2000 Tradução nossa)

mais problemático, é que a formação para a pesquisa desloca as raízes transferenciais sobre as quais primeiro se adquire um saber.

Essa é a modificação mais central introduzida pelo deslocamento da inserção da psicanálise para o território da pós-graduação é a mudança de eixo, do ensino para a pesquisa. O ensino do que quer que seja, no nível de graduação, limita-se a transmitir as informações necessárias para que o futuro psicólogo escolha a orientação em que vai se especializar. Penso que o ensino da psicanálise na universidade ficou vulnerável às críticas de seus opositores, os psicanalistas que transmitem a psicanálise em instituições de formação, como uma consequência inevitável da posição que somos obrigados a ocupar quando informamos alguém de alguma coisa e não supomos que ela já conheça algo dela, antecipadamente. O ensino do que quer que seja, na graduação, não supõe, necessariamente, um saber prévio ao aluno. Essa condição, a possível ausência da suposição de saber, reforça uma possível atribuição ao professor-mestre de um saber absoluto, consistente, que se pode expor sem ambiguidades, mal-entendidos, tropeços, equívocos. Um saber, ao qual faltaria a prova do não-saber, do inconsciente no Outro, a garantia de que o saber do psicanalista não é senão suposto.

Raramente, alunos de graduação submetem-se a alguma análise, ou mesmo a uma psicoterapia, antes do final do curso. Esse é um poderoso motivo que alimenta o fechamento do inconsciente e a consolidação da transferência com o professor, em posição de mestre, líder, ideal. É preciso, entretanto, renunciar à uma certa ingenuidade nesta matéria da transferência. Sobre essa tendência a redução do lugar do Outro ao discurso do mestre, eu gostaria de assinalar que na minha experiência, frequentemente, estudantes de psicologia se mostram muito pouco analisáveis. Se observarmos a modalidade de relação que estabelecem com seus analistas, ela se distingue muito pouco daquela que tendem a estabelecer também com seus professores. Analistas ou professores, nesta etapa de suas formações, são tomados como mestres cujo saber supõem ser consistente ou absoluto. Penso que os analistas destes jovens não contam com efeitos analíticos tão abundantes quanto gostariam de apresentar como argumento contra o ensino da psicanálise na universidade. Receio que as condições psíquicas para a instalação de uma genuína demanda de análise, requerem uma retificação das relações com seu sintoma, que raramente se estabelece facilmente nessas análises de jovens que desejam ser analistas.

O ensino da psicanálise na pós-graduação stricto-sensu se dá, em contrapartida com seu ensino na graduação, em condições que se aproximam bastante da formação de psicanalistas em muitas instituições psicanalíticas. Geralmente, um candidato à pós-graduação deseja aprofundar e explicitar algumas experiências clínicas, leituras e interrogações relacionadas com seu sintoma e sua análise. No mínimo, trata-se de alguém que já encontrou previamente com os significantes da psicanálise e escolheu fazer um percurso nessa via. Como não nos cabe a tarefa de introduzir essas pessoas no discurso analítico, podemos supor a quase todos eles um saber oriundo de sua experiência de análise, dos cursos que frequentou ou dos atendimentos clínicos que conduziu. Resta dizer que a transferência que circula nessa etapa da formação de muitos mestrands e doutorandos é de outra ordem. Frequentemente, a mesma que se

espera ver circular numa instituição psicanalítica, uma transferência de trabalho. Por conseguinte, os orientadores não ocupam um lugar essencialmente diferente do lugar ocupado pelo analista, nesse momento da formação de alguém. Não são mestres de um saber absoluto. Cabe ao orientador transmitir sua experiência particular de pesquisa, alguns dos significantes que permitiram estruturá-la e algo de seu estilo de investigação que resultou por sua vez dos encontros que marcaram sua trajetória singular. Os efeitos subjetivos dos analistas que conduziram sua análise, dos orientadores que dirigiram suas leituras e sua pesquisa, dos supervisores que ele escolheu para interrogar sua clínica. O resultado de tudo isso é um estilo de investigação, aberto a transformações e à inclusão de novas perspectivas e ao mesmo tempo irresistivelmente fixado no seu modo próprio de acolher o novo.

Se isso é verdade, o que faria de um pesquisador um evento, ele próprio novo, ao final de uma formação para a pesquisa. Penso há alguma coisa que não sabemos o que é, como se transmite, e como reconhecê-la: o advento de um pesquisador capaz de elevar, de transportar, os significantes sintomáticos de sua interrogação à dimensão de uma contribuição nova que faça avançar os impasses de um campo de pesquisa. Dada a especificidade da experiência analítica e do seu objeto de investigação, de que novidade se trata? Como podemos circunscrever a especificidade e o grau de abrangência desse novo. Uma vez que o saber da psicanálise, em consequência da natureza do seu objeto, o inconsciente e a pulsão, não é unívoco, enfrentamos a dispersão de perspectivas como um fato essencial à configuração desse campo. Correlativamente, é possível que esse evento novo, o pesquisador, só se possa definí-lo em função de uma conversa muito particular, a da banca perante a qual ele defendeu sua tese. Uma tese não seria portanto um evento de valor universal e sim um acontecimento muito particular. O avanço do conhecimento não seria deste modo um evento universalmente reconhecido e sim alguma coisa particular a uma dada tradição, aquela à qual pertencem o candidato e seu orientador. Desse modo, aproximamos a formação do pesquisador à inserção de algo novo numa certa genealogia. Chegamos assim, a necessidade de raciocinar em termos de linhas de pesquisa, tradições de pesquisa, comunidades de interrogação, algo da ordem de linhagens ou filiações no seio das quais se daria o reconhecimento do novo pesquisador.

Essa questão não é muito diferente daquela que assombra as instituições que pretendem formar psicanalistas. O que é um analista, como se forma um psicanalista, como reconhecer um analista. É possível que um analista só se possa dizer analista para uma certa comunidade onde ele realiza as provas que lhe permitem fazer reconhecer enquanto tal. À rigor não há alguma coisa como o psicanalista e sim psicanalistas dessa ou daquela instituição. Pretendo contornar assim a crença ingênua na universalidade do saber exposto por oposição ao saber suposto. Proponho que o saber exposto só se reconhece enquanto tal para uma comunidade em que esse saber funciona efetivamente no regime do saber suposto. Reconhecemos alguém, pesquisador ou psicanalista, muito menos em nome de algo que universalmente nos permitiria reconhecê-lo enquanto tal, do que em consequência de comungar com ele uma mesma genealogia ou tradição à qual supomos saber. Deixo a questão nesse ponto.

Será que há algum saber universal, exposto, possível em psicanálise? Lembro que Lacan nos ensinou a tomar a própria psicanálise na ordem dos efeitos de um desejo, uma invenção do desejo de Freud. Depois de Lacan, sabemos o quanto o desejo do pai da psicanálise deve ao sintoma enquanto agente do discurso da histórica. Depois de Lacan não podemos mais ignorar o que a psicanálise freudiana deve ao sintoma de Freud e seu desejo de restabelecer a consistência do pai num mundo que se laicizava progressivamente. Dificilmente, poderemos deixar de concluir que o saber suposto ao inconsciente é ele próprio objeto da crença de um grupo, os psicanalistas que descendem dessa tradição e que se confessam integrantes dessa genealogia de pesquisa. Se reintroduzimos na consideração científica o Nome-do-pai, o desejo do fundador, tal como Lacan nos convidou a fazer, não há, rigorosamente falando, nenhum saber que se possa pretender universal. Todo saber depende, para ser reconhecido, de uma comunidade de fundamentos, de uma crença fundadora, da identificação ao significante de um desejo. Dizendo isso limitamos toda universalidade científica à particularidade do nome em que repousa a crença que constitui um grupo.

A vocação da psicanálise não é a de ser uma ciência, se por ciência entendermos um saber que foraclui o sujeito. O discurso analítico é antes um efeito de retorno daquilo que a ciência rejeitou para poder constituir-se. A posição discursiva do analista é feita dessa identificação ao que é rechaçado. Logo, pode-se entrever que o discurso analítico depende, para se manter no avesso do discurso do mestre, de que a ciência seja ainda o mestre contemporâneo e prossiga providenciando os efeitos de exclusão do sentido, da causa, do desejo e do sujeito. A finalidade de uma análise não é produzir, como queria Freud, uma ampliação do conhecimento sobre o inconsciente. Nesse ponto podemos situar a interseção mais fértil entre a teoria e a clínica lacanianas a que nos referimos anteriormente. Não se trata para Lacan de privilegiar a pesquisa em detrimento dos efeitos terapêuticos como queria Freud. Para Lacan toda análise é didática. Lacan redefine o processo analítico conjugando o interesse de pesquisa e o efeito terapêutico. O que ele entende como saber do analista e como efeito terapêutico é, entretanto, supreendente. Depois de Lacan, uma análise é didática porque deve produzir uma retificação subjetiva de um tipo muito especial - se quisermos considerá-la a partir de seus efeitos terapêuticos - ela deve produzir um analista. Quanto ao resultado da pesquisa, talvez encontremos aí alguma coisa um pouco decepcionante. Um analista não é alguém que detém um saber sobre o inconsciente mas, paradoxalmente, alguém que não supõe saber ao inconsciente. Essa proposição explica-se mais uma vez pela relação com o saber da ciência. O final de uma análise implica a destituição do sujeito do campo do saber para reintegrá-lo no lugar onde foi foracluído pela ciência, isto é, no lugar do objeto como causa.

Freud era muito cético quanto à possibilidade não apenas de efeitos terapêuticos duradouros como também de um conhecimento completo sobre o inconsciente. Por essa razão propõe que o que não se pode recordar, interpretar e que permanece rebelde à influência terapêutica se pode reconstruir<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Freud, S. (1914)

As construções do analista funcionam como uma espécie de suplência e nos melhores casos podem produzir efeitos terapêuticos se conseguem convencer o analisando de sua veracidade. Há um passo de Freud à Lacan. O ato analítico, segundo Lacan, é um ato falho, erra o alvo e acerta na mosca, eis porque a tarefa de produzir um saber sobre o inconsciente fracassa. Dito de outro modo, há um limite não ultrapassável quanto às relações do inconsciente com o saber<sup>4</sup>. Se, o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito foracluído pela ciência, o processo analítico fracassa em reincluí-lo no campo do saber.<sup>5</sup> O que Lacan nos convoca a fazer com esse fracasso? O que é que se aprende numa análise e o que, dessa experiência, é passível de ser transmitida a outros analistas? Como articular isso que é impossível de saber com o laço institucional entre analistas?

### ***III- O dispositivo do passe ou a verificação do saber do psicanalista entre suposição e exposição***

Sabemos que Lacan fez duras críticas à organização burocrática e à estrutura de distribuição do poder nas instituições psicanalíticas ligadas à IPA. O ponto de convergência de suas inovações teórico-clínicas é o engajamento numa aposta nos seus efeitos potencialmente transformadores sobre o laço social e político nas instituições psicanalíticas. Afinal, no mínimo, uma instituição psicanalítica deve produzir um dispositivo que permita designar alguém como analista e isso inclui produzir um saber sobre o processo de formação de um analista. Se a análise é didática, se ao final deve produzir um analista, como transportar o saldo dessa experiência para o domínio público, ensejando ao mesmo tempo um saber sobre como se produz um analista e que seja transmissível fora do dispositivo analítico? O dispositivo do passe foi inventado, me parece, para verificar os efeitos de uma análise e suscitar a produção de um saber que o transmita. Deste modo temos uma abertura entre intensão e extensão ou uma passagem de um saber suposto a um saber exposto<sup>6</sup>. O desejo de Lacan deve ser corretamente situado nesse ponto que ele visa, um ponto mais além do desejo freudiano, mais além da ciência, do Nome-do-Pai.

Retorno então à questão das relações do sujeito do inconsciente com o sujeito da ciência. Esse parece ser o osso da posição subjetiva particular de um pesquisador em psicanálise. Nesse campo, o sujeito, o desejo, que pode permanecer desconhecido em outros campos de saber, é consubstancial à pesquisa. Nesse caso, o da pesquisa em psicanálise, vou explicá-lo parodiando um aforismo bastante conhecido entre lacanianos: “Lá onde estava sujeito do inconsciente – sujeito do saber suposto - o sujeito da ciência, sujeito do saber exposto, deve advir”.

Ocorreu-me retomar a diferença entre saber suposto (dispositivo analítico) e saber exposto (dispositivo do passe) recordando uma intervenção de Miller<sup>7</sup> onde

---

<sup>4</sup> Desenvolvi esse tema amplamente em Coelho dos Santos, T. 2000b.

<sup>5</sup> Tratei desse tema mais extensamente em Coelho dos Santos, T. 1995

<sup>6</sup> Esse assunto foi abordado uma primeira vez em Coelho dos Santos, T. 2000a. Parte desse escrito encontra-se reproduzido em alguns trechos dessa retomada do tema que faço agora.

<sup>7</sup> Miller, J.A, Les Embarras du Savoir, in: Le Conciliabule D' Angers, Editions Agalma Le Seuil, 1997, pags 59,60,61 e 62

ele o compara o primeiro com a instituição psicanalítica e este último ao dispositivo de apresentação de doentes. O que é a apresentação de doentes? Miller responde que se trata de uma entrevista que deveria desenrolar-se normalmente no privado, e que requeremos que se projete no espaço público, para fins de ensinamento. Todo mundo, prossegue Miller, sensibiliza-se com o caráter de saber exposto da apresentação de doentes. O sujeito psicótico é precisamente um sujeito exposto. Suas perturbações se apoiam precisamente no fato de que na esfera a mais íntima de suas cogitações, e mesmo nas partes de sua própria anatomia, uma presença o invade. Miller conclui que, eventualmente, a apresentação permite que essa exposição se faça de modo regulado, com efeitos apaziguadores. Prossigo, traduzindo o mais fielmente possível suas próprias palavras: “Vou dizer uma coisa para provocar revolta: na apresentação há qualquer coisa do passe. O neurótico no passe, aquilo que foi seu íntimo, ele o coloca num circuito de transmissão que escapa à análise. Isso provocou urros, afinal daqueles que urravam porque Lacan fazia apresentação de doentes, urraram um ou dois anos depois, quando o passe entrou em atividade. São consubstanciais. **A apresentação não é certamente um passe mas, é a introdução do Outro numa esfera que desejaríamos que fosse protegida, reservada**”. (pag. 60/61)

#### ***IV- As teses universitárias entre a retificação do saber suposto e produção de um saber exposto marcado pelo impossível***

Como circunscrever o impossível de saber no domínio das teses universitárias. O saber exposto na universidade sucumbe à tentação da crença num saber absoluto. Para avançar essa interrogação eu gostaria de voltar à questão mais essencial que antecipei: a das relações do sujeito do inconsciente com o sujeito da ciência. De acordo com Miller, o grupo analítico tem em comum com o dispositivo analítico propriamente dito, o culto ao sujeito suposto saber. Todo mundo merece crédito. Se questionamos um raciocínio ou se pedimos demonstrações ou referências acerca do que é afirmado, isso pode ser interpretado como uma agressão. É o exato oposto do que se passa na universidade onde, eu acrescentaria ao comentário de Miller o que se aprende, essencialmente, é a prestar contas, sustentar, demonstrar, o que se diz. Vou um pouquinho mais longe e afirmo com base na minha própria experiência, que a maior parte do trabalho de um orientador na pós-graduação consiste em separar o candidato a mestre ou à doutor do saber que ele adquiriu e que pensa ter inventado, para reconduzí-lo à sua dívida com este ou aquele texto. Esse procedimento, em geral bastante doloroso, possibilita que um sujeito recorte, diferencie, sua própria questão e possa então produzir sua contribuição. Em defesa desse tipo de procedimento (em geral muito criticado pelo grupo analítico) Miller recorda que Lacan; “...ao longo dos anos, contra os importantes de sua Escola, impôs instrumentos universitários e para-universitários”.(pag.60)

O dispositivo do passe, segundo me parece, tem uma afinidade com o momento da defesa de uma tese. Nesse sentido, sua invenção poderia classificar-se entre os referidos “instrumentos universitários” que Miller acredita que Lacan introduziu em sua Escola para limitar os efeitos do saber suposto. Então eu

concluiria que a apresentação de doentes, o dispositivo do passe e a defesa de teses universitárias têm em comum uma mesma posição subjetiva ou a mesma estrutura de exposição.

Em apoio dessa aproximação evoco ainda uma vez a intervenção de Miller que volto a traduzir: “Lacan via no passe uma maneira de assegurar a cientificidade da psicanálise. Fazendo expor e recolher os resultados da experiência a mais íntima, ele esperava, do meu ponto de vista, impedir a auto-absorção da psicanálise, afogada no saber suposto”. (pag.61)

Se o passe requer uma certa passagem do saber suposto ao exposto, não devemos deixar de perceber que isso se faz de um modo bastante limitado. O funcionamento do dispositivo circunscreve-se a uma comunidade muito particular de analistas. Não se destina a comprovar e garantir a universalidade da atribuição do título analista à alguém. Um analista, mesmo que venha a dar provas dos efeitos de sua análise à maneira do saber exposto da ciência, só pode sê-lo perante a comunidades daqueles que acolhem seu testemunho, e o aceitam como prova de sua passagem de analisando a analista.

Volto a exercitar o paralelo com a formação de um pesquisador. É preciso tomá-lo também como um resultado de uma determinada tradição. É preciso circunscrevê-lo no campo da tradição onde fez sua formação e realizou suas provas. Uma formação para pesquisa requer que selecionemos candidatos ao mestrado que devem ao final de um certo percurso dar provas de que são capazes de recensear bibliografias distinguido a posição dos diferentes autores, independentemente, até certo ponto, de suas próprias opiniões. De um candidato à doutor esperamos que seja capaz de reconhecer-se numa determinada tradição, distinguir-se de outras tantas e de introduzir algo de seu para fazer avançar a pesquisa no campo que escolheu.

O que se procura por meio dessas etapas não é distribuir títulos honoríficos mas, suscitar uma mudança nas relações de um sujeito com o saber. Essa mudança incide, segundo me parece, sobre a relação ao impossível de saber. Um pesquisador precisa situar-se, distinguir-se, no campo dos saberes. Ele não é um acumulador de conhecimentos, não é um erudito. Como o osso de sua formação não se separa de seu processo analítico, é o que deriva deste último como interrogação aquilo que melhor o caracteriza. O saldo mais importante desse processo de formação para pesquisa são os efeitos subjetivos do dispositivo acadêmico, suscitar o aparecimento de algo novo, alguém capaz de fazer dos seus significantes, do seu sintoma, a causa da produção de um saber que faça avançar uma determinada tradição e que funcione para incentivar outros tantos a recomeçarem.

Esse paralelo que propus com a formação de um analista me serviu para insistir na ligação do trabalho de pesquisa em psicanálise com o sintoma e a análise do pesquisador. Serve ainda para relativizar o alcance da formação de um pesquisador em psicanálise, restringindo-a à sua localização dentro de uma tradição, ressaltando seu caráter não tão universalizante como muitas vezes se quer fazer crer. Serve ainda para delimitar o valor do que se obtém com a formação de um pesquisador e que não se confunde com a obtenção de um título. Deste modo, penso responder àqueles psicanalistas, que escolheram não levar sua formação para a pesquisa às últimas consequências, e que desconhecem os

processos subjetivos em jogo na formação de um pesquisador. Equivocadamente, reduzem a efetividade desse processo a uma burocrática atribuição de insígnias que acreditam contribuir para dissolver a singularidade de um sujeito na suposta universalidade dessubjetivante do discurso da ciência. Penso que esse equívoco estimula nos candidatos a psicanalistas uma atitude preguiçosa frente à elaboração do saber exposto. Afogados no saber suposto não produzem nada novo e reproduzem mal a tradição e a cultura psicanalítica.

Eu termino sugerindo que a universidade não forma psicanalistas e que as instituições psicanalíticas não contam com todos os meios necessários para produzir analistas capazes de fazer avançar os problemas cruciais da experiência analítica. A universidade precisa reconhecer que um pesquisador em psicanálise não pode prescindir da relação à sua própria análise em sua pesquisa. A formação de um psicanalista que não se reduza a de um praticante, talvez não deva, igualmente, dispensar uma formação acadêmica levada até as últimas consequências.

### **Referências bibliográficas**

Coelho dos Santos, T. "A lógica da fantasia e a finalidade do ato analítico" in, *Fantasia, Revista do tempo psicanalítico*, nº 28, 1995

-----"O saber do psicanalista entre suposição e exposição", in, *Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* nº 30, 2000

-----"Acting-out: o objeto causa do desejo na sessão analítica" in: *Opção Lacaniana, Revista Internacional de Psicanálise*, nº 30, Edições Eolia, SP, 2001a

-----"Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais, Ed. Bertrand Brasil, RJ, 2001b

Freud, S.(1933) "A questão de uma Weltanschauung" in: *Novas Conferências Introdutórias*, vol. XXII, ESB, Imago Editores, 1972

Laurent, E. "Réflexions sur la forme actuelle de l'impossible à enseigner", in: *AMP-UQBAR circulação eletrônica*, 21 de setembro de 2000

Miller, J.A. "Les embarras du savoir" in: *Jolibois, M. Stréliniski, P. Le Conciliabule d'Angers, Le Paon, Agalma-Seuil*, 1997